 Tempo de leitura: 8 min.

**Chegada a Patagones e início do trabalho**

Os primeiros salesianos estabeleceram definitivamente sua missão na Patagônia em 20 de janeiro de 1880. Acompanhados por Dom Antonio Espinosa, vigário do Arcebispo Dom Frederico Aneyros, chegaram a Carmen de Patagones o P. José Fagnano, o P. Emílio Rizzo, o P. Luís Chiaria, o catequista coadjutor Luciani e um outro "jovem aluno deles", que permaneceu desconhecido; com eles estavam também quatro Filhas de Maria Auxiliadora: Joana Borgo, Ângela Vallese, Angiolina Cassolo e Laura Rodriguez.

Os missionários se comprometeram com a catequese e a formação dos habitantes de Patagones e Viedma, abrindo um colégio dedicado a São José, enquanto as Filhas de Maria Auxiliadora fundaram um instituto dedicado a Santa Maria das Índias. Em seguida, foram lançadas expedições às colônias ao longo do curso do Rio Negro, com o objetivo de garantir apoio espiritual e catequético aos migrantes que viviam nessas regiões e, ao mesmo tempo, iniciar sistematicamente a catequese para a conversão das comunidades nativas da Patagônia.

A presença dos salesianos na Argentina foi favorecida e seguida com interesse pelo governo argentino, que obviamente não foi movido nessa escolha por um desejo fervoroso de ver as comunidades indígenas convertidas ao cristianismo, mas pela necessidade de acalmar a opinião pública indignada com as matanças indiscriminadas e a venda de prisioneiros: as campanhas militares de 1879 para expandir as fronteiras haviam entrado em choque com a resistência das comunidades que viviam nos territórios dos Pampas e da Patagônia.

**Hábitos e costumes das comunidades autóctones da Patagônia**

Conhecer os costumes, a cultura e as crenças das comunidades que se pretendia converter era uma tarefa importante para os primeiros missionários: o P. Tiago Costamagna, durante sua missão exploratória em Patagones, em 1879, observou que, depois de atravessar o Rio Colorado, encontrou uma árvore "carregada de cortinas, ou melhor, de trapos, nos quais os índios haviam pendurado como votos". O missionário explicou que a árvore não era considerada uma divindade, mas simplesmente a morada "dos deuses ou bons espíritos" e que os panos deveriam ser uma espécie de oferenda para apaziguá-los e torná-los benevolentes. Mais tarde, Costamagna descobriu que as comunidades adoravam um "Deus supremo" chamado Gúnechen.

O conhecimento foi aumentando com o passar dos anos. Com o tempo, os missionários perceberam que as comunidades da Patagônia acreditavam em um

“Ser Supremo” que administrava e governava o universo e que seu conceito de uma divindade benevolente, no entanto, quando comparado ao conceito cristão, parecia confuso, pois muitas vezes não era possível “distinguir o princípio do bem, que é Deus, do gênio do mal, que é o diabo”. Os membros da comunidade só temiam “as influências do gênio maligno”, de modo que, no final, os índios só imploravam à divindade maligna que se abstivesse de todo mal.

Os missionários notaram, com tristeza, que as comunidades indígenas “não sabem pedir ao Senhor sobre coisas espirituais” e também descreveram como a doença e a morte de um membro da comunidade eram tratadas. De acordo com a crença comum, o demônio, chamado Gualicho, se apoderava do doente e, no caso da morte da pessoa doente, o demônio “tinha vencido”: “e assim eles choram, rezam e cantam lamentações acompanhadas de mil exorcismos, com os quais pretendem obter que o gênio do mal deixe o falecido em paz”.

Depois que o cadáver era enterrado, começava o período de luto, que geralmente durava seis dias, durante os quais os índios “se jogavam com o rosto no chão” e cantavam “uma espécie de lamentação”; morar no local onde o falecido havia residido e entrar em contato com qualquer um de seus objetos pessoais era fortemente desencorajado, porque Gualicho havia morado lá.

Não havia cemitérios compartilhados e, acima dos túmulos, era possível ver “onde dois e onde três esqueletos de cavalos”, que eram sacrificados ao falecido para ajudá-lo e apoiá-lo na vida após a morte. Assim, os cavalos eram mortos sobre a sepultura, deixando os cadáveres lá para que o morto pudesse desfrutar de sua carne, enquanto a sela, vários suprimentos e joias eram enterrados com o cadáver.

Na vida comum, apenas os mais ricos tinham habitações quadradas de tijolos de barro, com nada “a não ser a porta para entrar e uma abertura no meio do telhado para a luz e para a fumaça sair”, enquanto as comunidades ao longo do curso do Rio Negro eram estabelecidas junto a rios ou lagoas e as habitações eram, em sua maioria, tendas simples: “couro de cavalo ou de guanaco suspenso por cima com algumas varas fixadas no chão”. Para aqueles que haviam se rendido, o governo argentino ordenou que construíssem um rancho, ou seja, “um cômodo mais ou menos grande, geralmente feito de canas de lobo, plantas abundantes em lugares úmidos”. Os mais abastados construíram casas com varas de salgueiro e argamassa.

Em 1883, os missionários observaram: “Hoje em dia, e especialmente na estação ruim, é raro ver um índio que não esteja vestido da cabeça aos pés, mesmo entre aqueles que ainda não se renderam. Os homens se vestem mais ou menos como os nossos, menos o asseio, que eles não têm; e, como dizem, suas calças são usadas normalmente à maneira do Chiripá. Os mais pobres, se não tiverem mais

nada, se envolvem em uma espécie de manto do tecido mais comum. As mulheres usam a manta, que é um sobretudo que cobre todo o corpo". As mulheres permaneceram fiéis aos trajes tradicionais por mais tempo: "as mulheres têm a ambição de usar grandes brincos de prata, vários anéis nos dedos e uma espécie de bracelete nos pulsos, feito de filigrana de prata com várias voltas ao redor do braço. Algumas delas e as mais abastadas também usam várias voltas de filigrana no peito. Elas são, por natureza, muito tímidas e, quando algum forasteiro desconhecido se aproxima de sua casa, eles se escondem rapidamente".

Os casamentos seguiam a tradição: o noivo dava aos pais de sua futura esposa "vários objetos preciosos em ouro e prata, como anéis, pulseiras, estribos, freios e similares", ou podia simplesmente pagar "em dinheiro uma quantia acordada entre eles": os pais só davam suas filhas em casamento em troca de dinheiro e, além disso, o noivo era obrigado a ficar na casa da noiva e prover o sustento de toda a família.

A poligamia era muito difundida entre os chefes ou caciques e, consequentemente, como o P. Costamagna declarou em uma carta publicada em janeiro de 1880, era difícil convencê-los a renunciar a ela para se tornarem cristãos.

**Evangelização das comunidades nativas: "não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade deverás conquistar esses teus amigos"**

Um papel fundamental no trabalho de catequese e evangelização na Patagônia foi desempenhado pelo P. Domingos Milanesio, também por seu trabalho como mediador entre as comunidades e o governo argentino.

O missionário se uniu aos irmãos em 8 de novembro de 1880, depois de ter sido nomeado vigário da paróquia de Nossa Senhora das Mercês, em Viedma. Em uma carta ao P. Miguel Rua, datada de 28 de março de 1881, ele relatou sua primeira missão entre "os índios do campo", sublinhando as consideráveis dificuldades encontradas na tentativa de instruir e catequizar: as comunidades nativas viviam distantes umas das outras e o P. Domingos tinha que ir pessoalmente a seus *toldos*, ou casas. Às vezes, ele conseguia reunir várias famílias e, então, a catequese era realizada do lado de fora, onde, sentados nos gramados, os patagônicos ouviam a lição de catecismo.

O P. Domingos contou que até mesmo uma oração simples como "Meu Jesus, misericórdia", que ele considerava simples e fácil de memorizar, na verdade levava muito tempo para ser compreendida: embora fosse repetida entre cinquenta e cem vezes, muitas vezes era esquecida em poucos dias. No entanto, o desejo de ver as comunidades nativas convertidas e sinceramente cristãs era uma motivação mais do que suficiente para continuar a missão: "Mas nossa religião nos manda

amá-los como nossos irmãos, como filhos do Pai Celestial, como almas redimidas pelo Sangue de Jesus Cristo; e, portanto, com caridade paciente e benigna, e que espera tudo, dizemos, repetimos um dia, dois, dez, vinte até que seja suficiente e, finalmente, conseguimos fazê-los aprender as coisas necessárias. Se você pudesse ver como eles ficam felizes depois; é um verdadeiro consolo para eles e para nós, o que nos recompensa por tudo".

Não foi fácil fazer com que essas comunidades aceitassem as verdades da fé católica: o P. Domingos, em um relatório publicado no Boletim em novembro de 1883, contou que, durante uma missão à comunidade do cacique (chefe) Willamay, perto de Norquin, ele correu sério risco de vida quando a assembleia para a qual estava pregando começou a discutir os ensinamentos que havia recebido até aquele momento. O próprio Willamay, descrevendo Milanésio como "um contador de sonhos à maneira das mulheres velhas", retirou-se para seu *toldo*, enquanto havia aqueles que estavam do lado do missionário e aqueles que eram da mesma opinião que o cacique. Diante dessa situação, Milanésio preferiu permanecer distante e, como ele mesmo observou: "Fiquei em silêncio esperando o resultado daquela agitação de mentes, que era um prenúncio de uma aventura sinistra. Em um determinado momento, eu realmente acreditei que havia chegado a hora de eu pelo menos levar uma surra daqueles bárbaros e talvez até mesmo deixar minha pele entre eles". Felizmente, o partido que apoiava o missionário prevaleceu no final, de modo que o salesiano pôde concluir sua catequese com os agradecimentos da comunidade.

Catequizar essas populações não foi uma tarefa fácil, e os salesianos foram prejudicados pelos militares argentinos, cujas atitudes e hábitos ofereciam exemplos negativos de vida cristã.

O P. Fagnano registrou: "A conversão dos índios não é tão fácil de obter, quando eles são obrigados a viver com certos soldados, que não lhes dão um bom exemplo de moralidade; e em seus *toldos*, no momento, não é possível penetrar sem perigo de vida, porque esses selvagens usam todos os meios para se vingar dos cristãos, que, segundo eles, vão tomar posse de seus campos e de seu gado". O mesmo salesiano também escreveu sobre duas comunidades que, tendo se estabelecido a uma curta distância de um campo argentino onde haviam sido abertas "lojas de bebidas", entregaram-se "ao vício da embriaguez". O P. Fagnano censurou os militares que, "para obter ganhos covardes", prepararam o terreno para tornar os índios ainda mais propensos a se entregarem à "desordem bestial".

O P. Fagnano e o P. Milanésio continuaram, porém, a se aproximar, catequizar e formar essas comunidades, para "instruí-las nas verdades do Evangelho, educá-las com palavras, mas sobretudo com o bom exemplo", apesar

do perigo, para que, como desejava Dom Bosco, pudessem se tornar “bons cristãos e honestos cidadãos”.

*Giacomo Bosco*